

DIÁLOGO E INTERCULTURALIDADE

Luiz Carlos Susin*

SÍNTESE – Diálogo intercultural é a relação ética capaz de dar conta do desafio posto pela globalização que acelerou o contato e a interferência entre as culturas. Para um diálogo autêntico, há pressupostos *sine qua non*: a desideologização do universalismo cultural, o desocultamento da pluralidade. Além disso, há necessidade de um esclarecimento conceitual que ajude a fazer opções pelos conceitos operacionais que realmente possam ajudar a ter uma postura de diálogo. Entre estes conceitos, aqui se privilegia o conceito "sistêmico" e de cultura como expressão de transcendência humana, de tal forma que, em sua transparência simbólica, a cultura permite que haja um "face a face" dos interlocutores desde suas respectivas culturas.

PALAVRAS-CHAVE – Pluralismo. Interculturalidade. Transcendência.

ABSTRACT – Crosscultural dialogue is the ethical relation capable of accounting for the challenge posed by globalization which speeded up the contact and interdependence among cultures. There are *sine qua non* presupposita for an authentic dialogue, namely, the deideologizing of cultural universalism and the unveiling of pluralism. Furthermore, it is necessary to clarify concepts so as to help us make an option for the operational concepts that really contribute to a dialogical posture. Among such concepts, one may highlight the "systemic" concept and that of culture as expression of human transcendence, so that, in its symbolic transparency, culture allows for a "face to face" of the interlocutors from the standpoint of their respective cultures.

KEY WORDS – Crosscultural. Pluralism. Transcendence.

O diálogo entre culturas supõe algumas condições prévias que o possibilitem, uma vez que a experiência tem mostrado que não é algo evidente e espontâneo e que, pelo contrário, outras formas de relação entre culturas tragicamente aconteceram. Aqui pretendo discorrer sobre quatro questões que ajudem a desenvolver o título proposto: 1. Quais as condições que favorecem um diálogo intercultural? 2. Qual a aproximação mais adequada à cultura? 3. Qual a relação entre a condição cultural e a condição humana *tout court*? 4. O que privilegiar na amplitude da expressão cultural?

1 O desocultamento da pluralidade cultural e da possível interculturalidade

A pretensão de universalismo da tradição ocidental significou um despotismo sobre as culturas. Nessa relação, o outro é o bárbaro, o pagão, o primitivo, etc. Tal universalismo conheceu vários avatares de ordem militar, política, filosófica, eco-

* PUCRS, Porto Alegre.

VERITAS	Porto Alegre	v. 48	n. 2	Junho 2003	p. 197-203
---------	--------------	-------	------	------------	------------

nômica, e, não por última, religiosa. O expansionismo e o totalitarismo foram consagrados de diversas maneiras em diferentes épocas, mas tem uma identidade contínua e impenitente. A modernidade secularizada exacerbou de forma nova o antigo universalismo missionário através do novo humanismo, do antigo império através do novo mercado, da catolicidade através do socialismo.

No entanto, o século XX foi o século dos desastres nos quais a grande desastada foi a pretensão universalista. Talvez o primeiro sintoma tenha sido o Titanic. Mas, em seguida há duas grandes marcas no século XX: as guerras européias de 14 e 39, que se expandiram também mundialmente; e as guerras das colônias contra as metrópoles do Ocidente num processo de descolonização. Nesse clima de desastre da centralidade européia e de luta pela descolonização, a antropologia cultural deixou de ser uma curiosidade britânica sobre os súditos exóticos das suas ilhas para se tornar uma inquietação e uma busca de alternativas ao esvaziamento do homem ocidental.

Talvez possamos situar as décadas de 50 e 60 como o tempo de curvatura do envergonhamento de uma porção representativa de intelectuais europeus e as buscas de alternativas para uma superação do etnocentrismo cultural milenar e talvez até aqui estrutural da identidade humana. É notável a proposta de Merleau-Ponty, sobre uma "universalidade lateral" num clima de lateralidade e não mais verticalidade das culturas, sobretudo da cultura que primeiro voasse ao abstrato reino platônico e escolástico das idéias universais para, desde aí, julgar e reinar sobre as outras. Conforme o comentário de Levinas:

"Esta universalidade (nova) consistiria em poder penetrar uma cultura a partir de outra como se aprende uma língua a partir de sua língua materna. Seria necessário renunciar à idéia de uma gramática universal e de uma língua algorítmica, construída sobre a ossatura desta gramática. Nenhum contato direto ou privilegiado com o mundo das Idéias é possível. Uma tal concepção de universalidade traduz, em suma, a oposição radical, tão característica de nossa época, à expansão da cultura por colonização"¹.

É curioso constatar na continuidade do texto aqui citado, que Levinas, tão crítico para com a hegemonia tirânica do Ocidente desde a sua condição judaica pós-Auschwitz, reconheça esta nova postura como um fruto da "generosidade" do pensamento platônico, universalizante e idealizante, que, de certa forma, decola da particularidade européia, que a detecta como particularidade no confronto com outras culturas e reconhece, no espaço de sua universalidade, o direito e a dignidade das outras culturas, tendo como *ponto axial o valor absoluto da pessoa*. Mesmo assim sublinha que a emancipação e a universalização do espírito ocidental via platonismo leva a equívocos, à exploração e à violência. Por isso era necessário que a filosofia se aproximasse da etnologia contemporânea e desvendasse o quanto a pretensa excelência mesma da cultura ocidental é culturalmente e historicamente condicionada².

¹ LEVINAS Emmanuel, *Humanisme de l'autre homme*. Montpellier: Fata Morgana, 1972, p. 55. O entre parêntesis é meu.

² Cf. *Ibid.*

Já Paul Ricoeur valoriza sobretudo o contexto “moderno” da cultura Ocidental pela sua dinâmica de “desenraizamento” cultural. Sua tendência à abstração porta os membros da própria cultura ocidental ao exílio e à distância em que a lateralidade e o pluralismo cultural são possíveis. Esse exílio já tem ares de pós-modernidade. Alain Touraine, por sua vez, analisando o sujeito da cultura moderna e pós-moderna, sublinha a continuidade do sujeito ocidental rebelde que se tornou secularizado na modernidade e que se rebelou mais uma vez contra a sistematização da própria modernidade. Esse sujeito inquieto, que transcende a todo sistema, num espaço privilegiadamente secularizado, é capaz de abertura à alteridade cultural sem deslizar para formas de fundamentalismo.

Comecei este texto com menos fineza, menos luvas de pelica: a modernidade ocidental, com seu humanismo científico e tecnológico, produziu efeitos colaterais mais destrutivos do que seu humanismo é capaz de construir. Este é o grande problema do atormentado século XX e começo do XXI. O atual choque de civilizações bem representado no ataque ao *World Trade Center* e suas proliferações não deixam dúvidas sobre a tendência ao maniqueísmo cultural.

Vamos dar um passo atrás: Os intelectuais de diferentes correntes, como Sartre e Gabriel Marcel ou Mounier e Maritain, só para ficar na área francesa, que, após a segunda grande guerra, ganharam notoriedade pela contestação da hegemonia cultural do Ocidente ou se esforçando por trilhar novos caminhos, foram precedidos por vozes não hegemônicas – não platônicas, não escolásticas, não hegelianas – que permaneceram dissonantes com sua outra lógica, inclusive desqualificada como lógica, considerados antes como poetas românticos, religiosos ou irreverentes, mas não professores sistemáticos do Ocidente. Basta lembrar Kierkegaard, Nietzsche, Rosenzweig. Esta lógica não hegemônica, desqualificada como lógica, tem uma história por dentro da história triunfante do logos ocidental. Os cínicos gregos e os franciscanos saxões talvez sejam um bom exemplo³. Eles não tinham um pensamento bem elaborado, mas atitudes – como a “desapropriação” – que garantiam sua rebeldia diante da lógica hegemônica.

No entanto, entre as décadas de 50 e 60 e o início do século XX, reflexões novas em torno da cultura se aprofundaram. Convém buscar recursos em alguns desses aprofundamentos.

2 O que é cultura? – privilegiando conceitos operacionais

Para um mínimo de consenso em torno das questões interculturais, é necessário saber com que conceito de cultura se está falando. Marcelo Azevedo, para dar conta do neologismo *inculturação*, debruçou-se por anos sobre uma revisão biblio-

³ É muito sintomático que João Paulo II, em sua carta sobre as relações da fé com a razão, portanto também da teologia com a filosofia como parceria privilegiada, ao mencionar nomes históricos, passe em silêncio o nome de Duns Scotus apesar de “beatificá-lo”. Na mesma lógica, é claro, deixa no silêncio Guilherme de Ockam e outros franciscanos que espalancaram o pensamento nominalista contestando os universais escolásticos, abrindo caminho para a experiência individual, para a autonomia da razão, enfim para a ciência moderna. Ao contrário, nisso o Pontífice vê uma “ruptura”.

gráfica meticulosa, e elencou em torno de 230 conceitos de cultura com boa consistência!⁴ Estamos, portanto, num matagal, ou diante de uma palavra formalmente tão abrangente que arrisca permanecer vazia de conteúdos específicos. De maneira perigosamente funcional, para o nosso objetivo, seleciono aqui quatro abordagens possíveis de cultura, de forma bastante simplificada:

2.1 Cultura como ilustração

É o conceito bastante comum de cultura como conhecimento, erudição, por efeito de informações por meios diversos, como cursos, leituras, viagens, etc. A cultura é uma "odisséia", fruto da aventura e da experiência, da inquisição, da apreensão e da acumulação. Tem um caráter hierarquizador, e torna algumas pessoas mais cultas e muitas outras incultas, umas conhecedoras e outras ignorantes. Nessa relação saber é também uma forma de poder. Tudo isso é um fato, mas cria uma discrepância com o título deste texto, uma impossibilidade de real interculturalidade.

2.2 Cultura de laboratório

O melhor lugar para observar este tipo de cultura é mesmo o laboratório. Sintomaticamente, os laboratórios de cultura biológica são hoje rivalizados pelos laboratórios de tecnologia informática. Há inúmeras modalidades de laboratórios, mas todos estão assentados sobre alguns pressupostos: a cultura é uma questão de trabalho humano que programa, constrói e visa resultados. A cultura é tecnologia, *logos* da *téchne*, da criação saída das mãos humanas. Hoje estamos inundados por todo lado de alta tecnologia aplicada ao nosso sistema de vida. A tal ponto que esta cultura se torna uma esfinge ameaçadora, e sobretudo se descortina cada vez mais como uma cultura tecnológica sem alma, sem subjetividade, portanto incapaz, por si só, de qualquer diálogo intercultural. "Um suplemento de alma", como clamava Bergson para a cidade contemporânea, parece ser o clamor diante desta cultura.

2.3 Cultura de classes

Este conceito classista radicaliza o primeiro em sua forma dialética e em seus sujeitos. Uma é a cultura das elites, que é uma cultura hegemônica, detentora de meios poderosos de difusão e de massificação por um lado, e por outro lado capaz de elaborar as distinções para a sua autopreservação como elite. Outra é a cultura das classes subalternas, a cultura popular. Somente em sociedades aparentemente simples, nos limites de uma vida comunitária, de aldeia ou tribo, este conceito seria irrelevante. Na globalização contemporânea, este conceito deve ser analítico inclusive para as relações internacionais.

Merece uma atenção cuidadosa a cultura popular, que se expressa, ao menos aparentemente, com meios mais frágeis e, pela condição de subalternidade, sofre

⁴ AZEVEDO Marcelo, *Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé*. São Paulo: Loyola,

de “envergonhamento”, uma vergonha que, uma vez internalizada a partir do juízo e da posição da cultura hegemônica, oculta sua razão e sua vitalidade. Isso, evidentemente, põe problemas para um diálogo intercultural.

2.4 Cultura sistêmica

Este conceito veio sendo elaborado pela etnologia e pela antropologia cultural. Trata-se de encarar a cultura como um sistema multirreferencial de subsistemas que se organizam de forma a formarem um sistema coerente, cuja metáfora melhor talvez seja um corpo vivo. Para encontrar um exemplo de cultura sistêmica e para conhecê-la convém se voltar para culturas tradicionais e proceder analogicamente aos princípios de indeterminação e complementaridade da física quântica: primeiro detectar a sua posição de forma extática e só num segundo momento os seus processos e movimentos. Podemos sinalizar três constelações ou subsistemas:

- a) O subsistema material, em que a vida humana está imersa no meio, no ecossistema, adaptando-se a ele e adaptando-o a si, cultivando-o para conseguir alimento, abrigo, remédio, etc. É a constelação do “Pão”.
- b) O subsistema social, em que a vida humana está imersa na teia de relações humanas, no parentesco, entre o familiar e o estranho, na comunidade ou na *polis*, no companheirismo do trabalho e da festa, na amizade ou inimizade, na ambigüidade da concorrência. É a constelação do “Outro”.
- c) O subsistema simbólico, em que a vida humana se expressa em muitas formas de linguagens e se organiza através delas. Nela pode acontecer uma exuberância menor ou maior de subconstelações: formas de arte, de literatura e sabedoria, de direito, de rituais e narrativas míticas. É a constelação da “Palavra”.

Como sugeri anteriormente, os subsistemas se interrelacionam tornando-se causantes uns dos outros, num movimento complexo. Acontecem como processos vivos, portanto abertos e históricos, capazes de aprender e de ensinar, de assimilar de outros sistemas, de incorporar, sem por isso necessariamente se sentir agredido ou lesado. Pelo contrário, a cultura se enriquece e se vitaliza com outra e se transforma. Por isso há transversalidades e processos históricos que um mapa teórico ou um momento extático da cultura não consegue identificar. Mesmo assim podemos nos perguntar se realmente existem hoje culturas sistêmicas que não estejam sob forte ameaça de fragmentação sob o impacto da globalização que veio se acelerando desde o século XVI.

2.5 Misturando

Ao contrário, constatamos hoje, mais do que em qualquer outro tempo, com a hegemonia da modernidade e da pós-modernidade, a relação altamente complexa das culturas conforme os diferentes conceitos acima descritos. O lugar privilegiado desta constatação é a grande cidade moderna, a condição urbana que conecta a si globalmente todos os espaços, com a hegemonia dos meios de cultura de massa e da cultura tecnológica nas mãos de elites poderosas, a fragmentação e a pro-

miscuidade cultural, o empobrecimento e o mimetismo nas enormes periferias que tornam as grandes cidades do terceiro mundo todas parecidas na estética do caos, segundo as observações do fotógrafo Sebastião Salgado.

E, apesar do mimetismo e do envergonhamento de traços culturais tradicionais resistentes mas fragmentados nos meios populares, há uma luta contínua por sistematização, por uma certa *Gestalt* que torne a vida coerente e comunicável.

No nível da cultura, assim como a experimentamos hoje, exaltar o pluralismo e a interculturalidade pode se tornar uma cilada. Levinas observava que "a sara-banda de culturas inumeráveis e equívocas, cada uma se justificando em seu próprio contexto, cria um mundo, certamente, des-ocidentalizado, mas também um mundo desorientado" – é impossível evitar, segundo Levinas – uma "disseminação de sentidos" que, além de desorientação, leva ao vazio de qualquer real sentido⁵. Mas penso que há algo ainda mais trágico rondando nossa cultura, comparável ao braço de ferro da ALCA, a criação da Área de Livre Comércio das Américas. Já constatava a teoria da dependência que corpos de igual peso econômico, ao entrarem em contato, criam interdependências, mas corpos com desigual peso econômico só criam dependências, com o séquito de desequilíbrios que tendem a piorar a situação de uns enquanto melhoram a de outros. De certa forma isso vale também para os franceses que dançam na televisão as danças do Tahiti de forma mais deslumbrante do que as próprias tahitianas. A cultura precisa de um "suplemento de alma" pré-cultural que a torne inapropriável para que possa ser dom. Essa alma existe, são os sujeitos culturais – sujeitos ao mesmo tempo transcendentais e imanentes culturalmente.

3 A cultura como expressão de transcendência humana

É necessário arriscar a busca de uma instância anterior à cultura – *avant la culture*, é a expressão de Levinas – que não significa uma anterioridade cronológica ou ontológica, mas uma transcendência ética. Precisamos, de novo, da analogia da física quântica: a posição desta anterioridade é, numa primeira análise, uma certa abstração que está além de toda cultura, de toda historicidade, de todo sistema, de toda relação justa ou injusta, numa nudez absoluta, transcendente – a nudez da face, a ficarmos com a lição de Levinas. Trata-se da condição humana como pura transcendência, como a Idéia de Bem em Platão. Somente a retidão da justiça, cujo primeiro movimento é o do reconhecimento e a exigência da obra que o reconhecimento pede – seja o reconhecimento da "Altura" que inclina à homenagem, seja o reconhecimento da "Nudez" que inclina ao socorro, é capaz de unir cultura e transcendência no humano. Aqui Liturgia e Ética são o mesmo, e por isso talvez possamos compreender com Durkheim que a religião é a alma da cultura.

A categoria de *transparência* utilizada insistentemente por Leonardo Boff em seus últimos escritos, ainda devedores de sua tese doutoral sobre a experiência antropológica da sacramentalidade, pode nos ajudar no momento seguinte, ao

⁵ LEVINAS Emmanuel, op. cit. 55.

reconduzirmos a abstração levinasiana da face em sua nudez ao corpo de carne e osso. A transcendência humana se expressa na transparência de sua própria imanência, e esta transparência está na cultura. Tomemos então a cultura como expressão e transparência imanente da transcendência. Mesmo quando cultiva o chão para semear até o cântico mais refinado. É esta transcendência que se expressa em etnias, em gênero, em geração, em companhia, em profissão, em criatura e criador.

No entanto, o mesmo sujeito transcendente capaz de se tornar presente culturalmente, de se encarnar e se pôr numa relação de cultivo, de cultura e de culto, por sua própria condição transcendental é capaz de se rebelar diante do sistema, da hegemonia, e de se ocultar, de resistir, de se recolher num fragmento e esperar por tempos propícios. Toda cultura tem uma inspiração e uma destinação ética, e quando a ética é ferida, como no caso de Caim, pai dos construtores, dos conquistadores e dos tocadores de flauta, a violência cultural não alcança inteiramente a fragilidade de Abel recolhida na transcendência.

A categoria de "alteridade", assim como foi ensinada por Levinas, precede e dá dignidade ao pluralismo cultural e à interculturalidade.

4 O privilégio ético da cultura como face, palavra e obra

A cultura, a despeito de todo reducionismo – psicanalítico, sociológico, historicista – provém do *envio à mútua edificação*. Não encontro forma melhor de expressar o momento construtivo da cultura depois de toda desconstrução. É o movimento de pôr-se de face e hospedar a quem visita abruptamente de face: é a posição face-a-face. É dirigir uma saudação, uma palavra. É dar uma palavra que é pura palavra, a *palavra de honra*, sem apoio em nada mais. É estender a mão, o pão e a casa: é cultura como dom e hospitalidade. A ética é a cultura primeira.

Diante do outro, porém, a condição ética de toda relação cultural é verdadeira quando se fez também a experiência em sentido contrário: apresentar-se com a nudez e a fragilidade de quem, desastrado de tudo o mais, tem só uma palavra de honra para pedir hospitalidade, abraço e pão, sem apoio em nada mais, sem mesmo algum recurso cultural. A ética como cultura primeira supõe esta desapropriação ou desontologização de quem sabe que vive a partir de outro. No princípio da cultura e da pluralidade de culturas está esta experiência do puro face-a-face. Então se está pronto para o pluralismo sem disseminação e desorientação de sentidos, e se está pronto para o diálogo na interculturalidade, um diálogo na retidão da face, diálogo de mãos, de obras e dons, de palavras e cânticos, em que cada um pode falar e entender em sua língua.